

## O reencontro cartográfico: uma viagem pelas carto-crônicas de Jörn Seemann

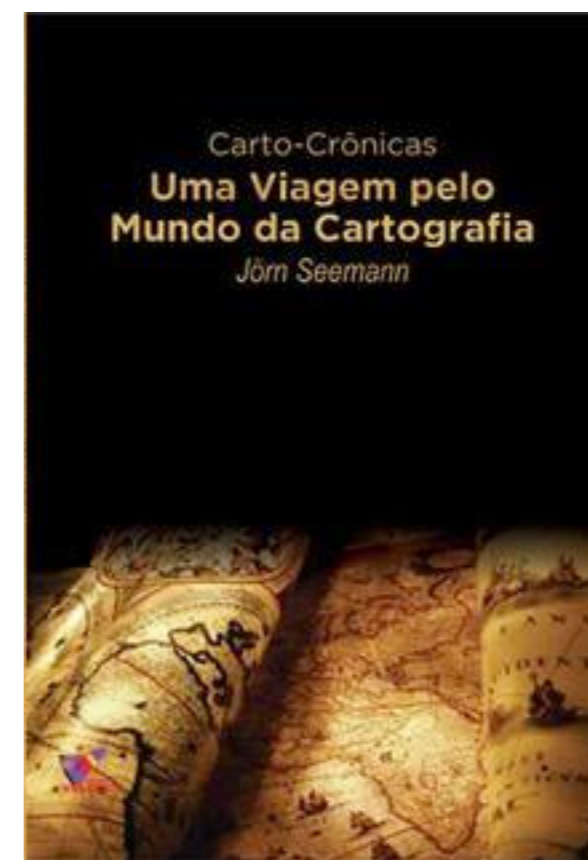
SEEMANN, Jörn. *CartoCrônicas: uma viagem pelo mundo da cartografia*. Gurupi: Veloso, 2012. 122p. ISBN: 978-85-64345-58-4

Luiz Tiago de Paula<sup>1</sup>

O que é cartografia? Caro leitor, quando pensamos em possíveis respostas para tal pergunta parece quase natural procurarmos definições que apontem para uma série de habilidades e ferramentas matemáticas para produzir representações gráficas do espaço, numa linguagem própria, imbuída de uma racionalidade cartesiana, não? O cálculo de graus (latitudinais e longitudinais), escalas e distâncias, entre outros elementos, marcam a imagem “dura” da prática cartográfica, fria e distante de nosso cotidiano. Seria isto a cartografia? Para Jörn Seemann, não. Essa imagem é uma (e apenas uma) entre as incontáveis possibilidades da cartografia representar e expressar graficamente os lugares, regiões, estados, nações e – por que não – narrativas e histórias. Existem tantos mapas quantas mentes para imaginá-los e criá-los, sem limites de escalas, formas ou projeções.

A usual ênfase à exatidão e objetividade de cálculos, coordenadas, fusos horários e escalas colabora para que sejam majoritariamente produzidos livros didáticos e manuais de cartografia que não necessariamente têm uma preocupação crítica e sensível em desvelar a essência dessa disciplina enquanto linguagem – o que implicaria em refletir sobre “culturas cartográficas”, espaço, visões de mundo, narrativas, discursos, arte etc. –, e não limitar-se a ensinar soluções técnicas para a elaboração de um mapa “correto”. A preocupação em reproduzir uma cartografia exata e de precisão métrica e locacional, principalmente em ambientes pedagógicos, coloca, muitas vezes, outras possibilidades imaginativas da cartografia em zonas de sombra. O mapa não é a realidade, mas uma maneira de representá-la, sendo “lastimável se desperdiçássemos seu potencial como forma de comunicação, expressão e meio para apreender a realidade” (SEEMANN, 2012, p. 13).

<sup>1</sup> Geógrafo pela Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. [luiz.paula@ige.unicamp.br](mailto:luiz.paula@ige.unicamp.br).  
✉ Rua Francisco Ferreira Pires, 476, Bairro VI. Perseu Leite Gomes, Campinas, SP. 13064-355.



A obra “Carto-Crônicas – Uma Viagem pelo Mundo da Cartografia” de Jörn Seemann explora exatamente as potencialidades, áreas de contato entre a ciência cartográfica e o cotidiano de maneira descontraída e cuidadosa, discutindo as diferentes dimensões políticas, culturais e econômicas da cartografia e, ao mesmo tempo, ampliando as possibilidades de reflexões e práticas cartográficas. Um reencontro cartográfico!

Será que um arquétipo fantasmagórico de uma ciência cartográfica fria e alheia à realidade cotidiana distancia o diálogo entre os mapas e as pessoas comuns? Por que mapas “assombram” desde crianças do ensino primário, passando por professores do ensino fundamental, até estudantes de graduação e pesquisadores de universidades?

No intuito de exercer uma linguagem correspondente aos fatos da vida diária, em que as experiências são voláteis, seja dentro das salas de aula, nas calçadas, dentro dos automóveis, nos bancos das praças, o reencontro com a cartografia não poderia se dar de outra forma senão por crônicas! Segundo o próprio autor, os textos lançam mão de uma linguagem “mais leve” para falar de uma linguagem “mais pesada” (a cartografia). De maneira cautelosa, Seemann nos introduz paulatinamente as nossas próprias memórias e vivências cartográficas. Os “traumas” da infância quando não entendemos por que uma escala é expressa por uma razão numérica (por exemplo, 1:100.000), ou ainda quando naturalizamos certos elementos cartográficos, como os fusos horários, quando na verdade são frutos de grandes conflitos e interesses políticos, econômicos e sociais. Os “mistérios” dos mapas são desmistificados, na medida em que lhe são atribuídos significados históricos e políticos. Ao mesmo tempo em que (re)aprendemos e refletimos os motivos pelos quais as convenções existem da forma que são, entendemos suas funções, seus limites, e possibilidades de outros mapas coexistentes.

As crônicas contam desde casos fictícios – mas que reproduzem com veracidade a vida do dia-a-dia – até experiências reais vivenciadas ao longo das trajetórias biográfica e profissional do autor. O resultado disso é um texto rico em referências de grandes obras literárias, que encadeiam uma intertextualidade tão natural que nos instiga ainda mais a pensar e praticar nossas próprias cartografias.

Jörn Seemann, nascido em Hamburgo, norte da Alemanha, faz questão de trazer suas memórias e fazer, em diferentes momentos dos textos, intercâmbios culturais e visões de mundo alimentando-se de diversificados materiais para pensar ainda mais as cartografias e geografias do dia-a-dia. Como geógrafo, professor e pesquisador explora as crônicas para dialogar com diferentes perfis de interlocutores – a professora de Ensino Médio, o estudante de graduação do curso de Geografia, os engenheiros e técnicos em Cartografia, o professor universitário, o estudante de pós-graduação e o aluno de fase escolar – prendendo a atenção de todos, mesmo quando os temas possuem uma situação ou especificidade própria, isso porque os mapas demandam e fazem parte do cotidiano de todos eles!

Nesta viagem pelo mundo da cartografia, há certos objetos na bagagem do viajante-leitor, paradas, baldeações, travessias, fronteiras e alfândegas. Como qualquer viagem, também há os momentos de espaços comuns, como as salas de espera para o embarque onde dialogamos com diferentes pessoas, independentemente de suas profissões, seu gênero e sua idade. Mas também há as situações onde nos encontramos sozinhos, encarando o bilhete com a hora e data do próximo destino, ou ainda revisando trajetos passados e planejando outros possíveis. Com o conhecimento de um exímio viajante – “os segredos do oráculo chinês I-Ching (hexagrama número 56: Lü, o viajante, fogo sobre a montanha”<sup>2</sup> – Seemann parece estruturar as crônicas em diferentes “orientações”, que percorrem diferentes paisagens.

Durante a leitura do livro é possível agrupar as carto-crônicas em duas temáticas. Há outras formas de subdividi-las justamente porque elas se relacionam mutuamente pelas suas riquezas de referências e intertextualidade. O primeiro grupo é um conjunto de textos que trata

<sup>2</sup> Nota sobre o autor na aba do livro.

a história da cartografia normativa e lança mão de experiências em sala de aula para contextualizar as práticas de ensino, aprendizagem e a utilização de mapas, enquanto o segundo grupo abre possibilidades para explorar o poder simbólico de cartografias e pensá-las enquanto formas de linguagens.

Começamos, portanto, um breve esboço dessa viagem cartográfica. O primeiro grupo é o que incorpora, entre outras, as carto-crônicas “O trauma cartográfico na sala de aula”, “Correntes e Acorrentados na Cartografia”, “História(s) da Cartografia I: O mapa mais antigo do mundo e outros fatos cartográficos”, “História(s) da Cartografia II: A busca pela longitude”, “História(s) da Cartografia III: A invenção do primeiro meridiano”.

Como todos os títulos sugerem, essa parte tem a intenção de percorrer a história cartográfica, revelando as motivações políticas e econômicas para a elaboração de convenções técnicas e científicas. Ao mesmo tempo, de forma crítica, traz-nos recordações de alguns conteúdos da cartografia para desvelar seus mistérios, por exemplo, de quando tivemos os nossos primeiros contatos com os mapas didáticos até as dificuldades para assimilar exercícios sobre coordenadas geográficas.

Este conjunto de lembranças é enriquecido com depoimentos de estudantes universitários (alunos do autor) que em muitos casos, quando lhes foi atribuída a incumbência de refletir sobre os exercícios de cartografia que tiveram durante suas trajetórias escolares (pintar mapas, localizar pontos em coordenadas ou calcular escalas) revelaram não ver sentido ou uso prático dessas atividades, senão a decoração pura e simples ou o aperfeiçoamento fútil de figuras ilustrativas.

Seemann busca investigar a raiz deste problema, junto com autores como Katuta (2001), afirmando que essa maneira puramente mecânica

de se “aprender” cartografia pode ser um círculo vicioso, quando professores de geografia, muitas vezes, reproduzem na sala de aula o que eles mesmos aprenderam como alunos nas escolas, sendo, em outras palavras, um trauma transmitido de geração para geração!

Mapas são feitos para observar, interpretar, representar e não, simplesmente, para ilustrar um texto, sob um olhar desatento de cinco segundos do leitor. Como uma história em que a atenção aos pormenores é primordial para o entendimento de seu eixo narrativo, mapas são como livros: “Que tal passar cinco minutos lendo os detalhes e literalmente esfregando o nariz nos rios, morros e estradas?” (SEEMANN, 2012, p. 20).

Ao depararmos com nossos próprios traumas e as tragédias de uma cartografia escolar, as carto-crônicas abrem outro caminho dessa viagem, um trajeto pelo tempo, mostrando as raízes históricas da disciplina cartográfica e como foi a sua evolução desde as cosmografias de Ptolomeu, o surgimento dos meridianos e paralelos e da própria palavra “cartografia”, no século XIX. É justamente ao apresentar as correntes do pensamento cartográfico que habitualmente “acorrentam” seus seguidores, que Seemann busca na história expor diferentes paradigmas e demonstrar que existem várias cartografias. Nesses confins, o contato com o pensamento e o contexto científico, filosófico, cultural e econômico de cada época poderiam trazer mais elementos para professores de ensino básico discutirem e compreenderem, junto aos alunos, a aparente neutralidade que normalmente atribuem aos mapas.

As crônicas que fazem parte dos “(Con)fusos horários” (I, II e III) – título que faz menção à confusão que normalmente se tem para pensar como espaço se converte em tempo, ou melhor, graus em horas, estruturando linhas e faixas imaginárias - estão diretamente ligadas com o cotidiano das pessoas. Seemann explora os trâmites

políticos e econômicos envolvidos na produção dessas convenções, como, por exemplo, as motivações que deram origem a Linha Internacional de Mudança de Data e como esta no mundo real é feita de várias irregularidades geométricas. Também aproveita a deixa para examinar “quem faz a hora no Brasil”, país de dimensões continentais que abarca três fusos horários, gerando uma confusão que se agrava ainda mais quando entra em vigor o horário de verão no Brasil, horário que tem uma carto-crônica específica apenas para discuti-lo.

As carto-crônicas sobre escalas e projeções encerram talvez essa primeira parte do livro. Diferente de como muitas vezes aprendíamos na escola, semelhante a uma aula de matemática, em que “se calculava para calcular”, a escala é a chave para o tamanho real da representação gráfica. Seemann utiliza exemplos de histórias fictícias (WOOD, 1978), como a compra de um tapete, onde a consumidora deparava-se com três tipos de tamanho de um mesmo tapete, cuja noção de grandeza variava de acordo com cada circunstância – o tapete representado na propaganda da loja de móveis (cujo grande tamanho impressiona!), o momento da compra (o mostruário, que decepciona a mulher por ser bem menor do que esperava) e o derradeiro instante em que a lente de contato da mulher cai sobre o tapete e, ao procurá-la, este torna a ter milagrosamente dimensões do deserto do Saara!

As projeções cartográficas deixam de ser avaliadas apenas pelos seus atributos geométricos e são discutidas enquanto imagens, em especial, no que se refere a questões que envolvem os mapas-múndi. Ao refletir sobre a história das projeções, Seemann coloca que, para além do grau de distorção e deformação dessas, o mais importante são os motivos e as razões de seu uso. Mapas não poderiam ser a representação fiel da realidade, mas formadores de imagens do mundo, o que faz com que algumas imagens se sobreponham a outras. O autor atenta que

“há algumas centenas de projeções cartográficas, mas há mais do que sete bilhões de visões de mundo” (SEEMANN, 2012, p. 73), sendo imprescindível reconhecê-las como possíveis formas legítimas de representação.

Pondo fim ao primeiro conjunto de texto, a segunda parte do livro é um trajeto desconhecido do caminho traçado pela viagem. Se na primeira parte, Seemann apresenta as convenções de algumas ferramentas e técnicas cartográficas e as contorna a partir de suas dimensões históricas para explicitar sua criação e uso, sempre flertando com as ações de nosso cotidiano, na segunda as crônicas permanecem com este tom, mas muito mais preocupadas com os mapas que existem dentro de nós mesmos. O segundo conjunto das carto-crônicas abre visão para um horizonte e destino ilimitado, pois explora a essência cartográfica e as suas interfaces com a cultura, a linguagem e a arte.

“O mapa de cabeça para baixo” afirma que o Norte (N) não é para cima! Esta convenção em direcionar o “N” sempre para “frente” representa a uma determinada visão de mundo. O autor apresenta o Mapa da Escola del Sur, obra do artista uruguaio Joaquin Torres-Garcia, a qual coloca o “N” para baixo, mostrando como este movimento sul-americano da primeira metade do século XX rebelou-se contra a ideia eurocêntrica de definir a configuração do mundo. Para Seemann, as visões de mundo não restringem a cartografia e a geografia. Pelo contrário, alimentam a imaginação de artistas na maneira de interpretar o mundo!

Ainda nesta seara, “Minha cabeça é um mapa” e “Crianças, mapas-múndi e a visão de mundo” vêm trazer mais exemplos. Com experimentos feitos em sala de aula, alunos traçam mapas mentais do mundo. A familiaridade com mapas de projeções como a de Mercator faz com que muitos deles reproduzam uma forma única de ver o mundo

– uma reprodução mecânica de mapas que centralizam o continente europeu na imagem. Isto revela ainda mais a necessidade de exercícios e práticas que representem as próprias cartografias e geografias dos alunos, enriquecendo discussões mais plurais sobre suas imagens do mundo, um tema tão caro à geografia.

Outra preocupação do autor é contextualizar estudos críticos que vem sendo feitos desde a década de 1980 sobre mapas. Identificando as limitações de uma visão positivista, historiadores da cartografia e geógrafos, entre outros, buscam demonstrar que a cartografia não é uma representação neutra e exata da realidade. Suas expressões matemáticas e o rigor científico de suas técnicas por séculos transmitiram uma crença, muitas vezes alicerçadas pelo progresso tecnológico e pela padronização de seus usos pelos órgãos oficiais, no âmbito do planejamento, monitoramento e fiscalização. Mesmo com todo este aparato, mapas são formas de linguagens, e, como toda linguagem, carregam discursos, objetivos e intencionalidades (HARLEY, 1989). Seemann com simplicidade e sabedoria atenta que “ler entre as linhas dos mapas” não significa suspeitar e criticar todos eles, mas colocá-los em seus devidos lugares, avaliando sempre as experiências da realidade nas suas respectivas representações, uma vez que mapas não são pontos finais de uma obra acabada – valendo-se sempre de uma realidade mutável – mas pontos de partida para pensar, refletir e discutir geografias (SEEMANN, 2012).

A potencialidade simbólica dos mapas faz com que eles possam ser fortes meios de representação da história e memória de um grupo, lugar ou região e até mesmo de um indivíduo. A cartografia como trajetória biográfica vem compor as carto-crônicas, fazendo com que olhemos para dentro de nós mesmos, a refletir sobre nossos lugares, trajetos, pessoas, cidades, desde a infância até os atuais estágios da vida. O mapa como narrativa da vida constrói um discurso espacial (e temporal!) de uma geografia espontânea tal como ela se faz em nossas

decisões diárias. O autor apresenta sua própria biografia geográfica para explorar o mapa, lembrando circunstâncias afetivas que apenas a memória, essencialmente espacial, é capaz de evocar. O mapa de lugares conhecidos, portanto, torna-se uma rica maneira de narrar histórias de nós mesmos.

O fim da viagem entre as carto-crônicas é, na verdade, um começo para uma nova expedição. A sensação ao final da leitura é fazer com que ao invés de apenas “ver” os mapas, passemos efetivamente a “olhá-los” (CARDOSO, 1988). O reencontro cartográfico nos traz o desejo de sermos autores de nossos próprios mapas e, por mais que não participemos do processo de construção de mapas alheios que eventualmente caem sob nossos olhos, observá-los como se fossem textos e não meras figuras de ilustração. A cartografia, assim como a realidade, tem diversos ângulos de vista, pontos de partidas, projeções, escalas – numéricas, gráficas e imaginativas – basta que apuremos nossa sensibilidade para criar mapas de *terrae incognitae* nunca ainda exploradas em nossas mentes. ☉

#### REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Aduato (Org.) **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 347-360.
- HARLEY, J. B. Deconstructing the map. **Cartographica**, Toronto, v. 26, n. 2, p. 1-20, 1989.
- KATUTA, Ângela Massumi. A reprodução do não-saber: o uso de mapas por professores e alunos do ensino fundamental. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 293-302, 2001.
- WOOD, Denis. Introducing the cartography of reality. In: LEY, David; SAMUELS, Marwin S. (Orgs.) **Humanistic geography. Prospects and problems**. Chicago: Maaroufa Press, 1978, p. 207-219.